

## CAFÉ COM URSOS POLARES

Allison Harms

Fui para a faculdade na mesma época em que meu filho começou o jardim-de-infância. Eu tinha mais tarefas de casa do que ele, mas compartilhávamos as excursões – eu acompanhei a classe dele ao corpo de bombeiros e à fazenda e ele se juntou à minha para procurar alguns fósseis e escalar geleiras. Certa vez, para uma de minhas aulas de biologia, pediram-me que visitasse o zoológico sozinha durante o período do outono. Protelei por várias semanas, esperando pelos últimos dias quentes da temporada, envolvida em nossos horários de volta à escola. Percebi finalmente que o final do semestre estava chegando e eu não tinha completado minha tarefa. Separei então um dia para a excursão ao zôo. É claro que meu filho me acompanhou.

Não era um dia típico daquela época do ano. O fim do outono e o início precoce do inverno o mantiveram deserto, exceto por meu filho e eu. Até os animais pareciam escassos. As nuvens se fecharam no céu e derramaram sobre nós gotas de chuva como agulhas de gelo. Sopros de umidade giravam em torno de nossas pernas, arrebanhando pedaços de folhas, sacos de papel, envoltórios de balas e cascas de amendoim num redemoinho de lixo que se amontoava no canto da casa dos répteis. Só algumas lâmpadas fluorescentes etéreas brilhavam lá dentro. Fomos caminhando. As fontes estavam secas, os canteiros desolados, as alamedas vazias. Patos se abrigavam do vento, retinidos junto ao lago, com as cabeças escondidas sob as asas. Ondas pequeninas batiam na praia. Enquanto andávamos, o vento enchia as abas de nossos casacos e depois as colava em nossos corpos.

O som de nossos passos alertou as gazelas que pastavam. Um grupo de cabeças pontudas, orelhas e chifres, suspensas em pose de dança, na ponta dos pés, enquanto passávamos. Ouvimos à distância o barrido dos elefantes. Os olhos amarelados do leão nos seguiram; sua cauda com um tufo de pêlos na ponta chicoteou de leve o chão. A superfície do tanque do hipopótamo reluziu, a matrona levantou o focinho, e seus olhos líquidos piscaram. A girafa empertigou a cabeça e nos fitou com ar grave.

Paramos para ver os ursos polares. Eles marchavam com passadas solenes, mas suas pernas eram comicamente curvadas, com os dedos para dentro, como os dos pombos. Tinham patas como as de cãezinhos crescidos, com garras curvas e negras. Cheiravam o ar de focinho empinado, balançando a cabeça redonda e pequena demais, de um lado para outro, soltando pelas narinas espirais de vapor contra o céu de cimento. O odor da neve era tão reconfortante para eles quanto um banho de sol para um gato doméstico.

O guardador dos animais surgiu usando botas de borracha e balançando dois baldes vermelhos. Ao avistá-lo, os ursos começaram a mergulhar no tanque, num alvoroço ruidoso, produzindo um som como o da queda de rochas numa avalanche. Eles saíram de novo, com a água escorrendo pelo corpo, como neve derretida das montanhas.

O guardador chegou até onde estávamos, meu filho e eu.

– Bom dia, – dissemos. Perguntei-lhe o que havia nos baldes.

– Peixe e melancia.

– É isso que os ursos tomam no desjejum? – indagou meu filho.

– É, – replicou o homem. Depois, abaixando-se até a altura do menino, ele disse, – Quer ajudar-me a alimentar os ursos?

– Claro! Posso mamãe?

E foi o que fizemos, atiramos nacos escuros de peixe e pedaços de melancia durante o primeiro bafejo de neve do inverno.

Em breve chegou a hora de partir. Meu filho estava cansado e eu o carreguei nos braços, com o capuz puxado sobre as orelhas, o rosto enfiado em meu ombro. Sorri para mim mesma ao pensar em quão frequentemente as "necessidades" em minha vida se transformavam em "alegrias". Eu tinha de ir ao zoológico; tinha de passar o dia com meu filho e alimentar os ursos no desjejum. Fazer o que é certo tem as suas recompensas. Eu podia lembrar-me das vezes em que cumprira uma obrigação ou uma promessa mesmo que me custasse fazê-lo, e algo novo se abria para mim: um relacionamento, uma habilidade, um momento inesquecível. Mesmo naquele dia ventoso de novembro, eu sabia que a lembrança da nossa experiência, simples e inesperada – café com os ursos polares – nos aqueceria interiormente a cada vez que nos recordássemos dela.